



INTENCIONALIDADE E NÃO-INTENCIONALIDADE: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO COM O OUTRO NAS TEORIAS DE HUSSERL E LEVINAS

INTENTIONALITY AND NON-INTENTIONALITY: AN ANALYSIS OF THE
RELATIONSHIP WITH THE OTHER IN HUSSERL AND LEVINAS' THEORIES

Adriano André Maslowski*
Willian José Nunes**

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar sinteticamente as teorias filosóficas de Husserl e Levinas no tocante a relação com o outro. Enquanto Husserl avalia a presença do outro e o coloca na perspectiva do Eu transcendental, do qual o auxílio na descoberta do mundo é imprescindível para a busca do conhecimento e da verdade, Levinas se aprofunda na investigação da relação com o outro visando a necessidade de uma relação que não se paute na intencionalidade, mas que se baseie na alteridade, não reduzindo, assim, a exterioridade ao Mesmo. Ambas as investigações, em suas próprias maneiras, são pertinentes para a quebra do egoísmo e do solipsismo, que tanto assolam e destroem as relações.

Palavras-chave: Fenomenologia; Husserl; Levinas; relação.

Abstract: The present article aims to analyze synthetically the philosophical theories of Husserl and Levinas regarding the relationship with the other. While Husserl evaluates the presence of the other and places it in the perspective of the

* Doutor em Filosofia (UFSM); Mestre em Filosofia (UFSM); Pós-graduado em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica (UFFS); Pós-graduado em Leituras da Bíblia e Mundo Contemporâneo (URI); Graduado em Filosofia (IFIBE); Graduado em Teologia (URI); Graduado em Pedagogia (ETEP). E-mail: adrianolowski13@gmail.com

** Licenciado em Filosofia pela Faculdade Palotina (FAPAS) em Santa Maria, RS, e atual acadêmico de teologia na mesma instituição. E-mail: uwillianjosenunes@gmail.com

transcendental Self, which assistance in the discovery of the world is essential for the pursuit of knowledge and truth, Levinas delves into the investigation of the relationship with the other, aiming at the need for a relationship that is not based on intentionality, but that is based on alterity, thus not reducing exteriority to the Same. Both investigations, in their own ways, are relevant to breaking down selfishness and solipsism, which so much plague and destroy relationships.

Keywords: Phenomenology; Husserl; Levinas; relation.

Considerações iniciais

A necessidade de relação com o outro é um fato que envolve todo o ser humano. Nenhuma pessoa escapa da relação com outra pessoa, seja uma relação física ou ao menos um desejo interno dessa relação, pois, mesmo se houver a tentativa de não viver com o próximo, o fato é que a relação ainda existe, ainda incomoda. Visto que a vivência social está cravada na própria natureza humana, e na tentativa de responder a questão do como agir frente à atual tendência de egoísmo e solipsismo, este escrito apresenta uma investigação nas teorias filosóficas de Husserl¹, partindo da refutação do solipsismo e culminando na intersubjetividade monadológica, e de Levinas², cujo caminho não-intencional será a base para a alteridade.

¹ Edmund Husserl nasceu em Prossnitz, atual Prostějov, em 1859, e morreu em 1938. Tendo como primeiro amor intelectual as ciências da matemática. Após se tornar doutor, com a tese *Contribuições para teoria do cálculo de variáveis*, ministrou aulas nas cidades de Berlim, Viena, Halle, Göttingen e Freiburg-im-Breisgau, se confrontando com as teorias de filósofos como Aristóteles, Descartes, Kant, Hume e Hegel, mas os professores que conduziram Husserl para a filosofia foram Franz Brentano (1838 – 1917) e Carl Stumpf (1848 – 1936). Husserl levou às suas pesquisas filosóficas seu desejo de uma ciência rigorosa, ao passo que viu a necessidade de criar um método próprio para tirar a filosofia do positivismo, do qual chamou fenomenologia (ALVES & MACEDO, 2012).

² Emmanuel Levinas (1906 – 1995) nasceu em Kovno, Lituânia. Sendo de família judia, Levinas estudou hebraico e o Talmud desde jovem e, ao estudar no liceu judeu de Kovno, em 1920,

O ponto de partida para a investigação da intersubjetividade husserliana será a quinta meditação da obra *Meditações Cartesianas*, uma vez que nela se encontra a defesa à crítica de solipsismo e a investigação da intersubjetividade. Outro motivo, enfatizando um cunho poético, se dá pela necessidade da obra com certa cooperação, pois, segundo Fábio Mascarenhas Nolasco³, essa obra permaneceu inacabada, ao passo que se torna necessário aos leitores um grau de atividade:

As MC não oferecem um caminho de pensamento concluído e precisamente demarcado, porém demanda necessariamente um tipo de “leitura cooperativa”, *i.e.*, que os leitores se deem ao texto como que equipados com duras botas e facão, a fim de abrir o caminho em circunstâncias de mata densa (NOLASCO, 2019, p. 15, grifo do autor).

A atitude de abrir caminho faz com que essa obra, *Meditações Cartesianas*, não termine nela mesma, permanecendo aberta para o auxílio e continuação de outras pessoas que se dediquem em buscar o conhecimento e a verdade, colocando em prática a intersubjetividade defendida por Husserl.

Tratando-se de Levinas, este escrito mostrará os passos dados pelo autor a partir da fenomenologia para uma relação respeitosa da alteridade, em que não

estudou literatura russa. Em 1920, decidido a continuar seus estudos na área da filosofia, o jovem estudante parte de sua terra natal para a França. Nos anos de 1928 e 1929, Levinas teve a oportunidade de estudar com Husserl e participar do seminário de Heidegger, afeiçoando-se a seus mestres, em 1931 traduziu para o francês a obra *Meditações Cartesianas*. Outro acontecimento marcante na vida de Levinas foi a sua prisão em 1940 por parte dos nazistas, permanecendo cativo até 1945. Após o cativeiro, com a obra *da existência ao existente*, Levinas demonstra um não contentamento com a concepção de um ser adequado ao conceito, em 1949 publica suas análises sobre a filosofia de Husserl e Heidegger, com o título *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger* (MELO, 2003).

³ Fábio Mascarenhas Nolasco, professor do Departamento de Filosofia da UnB, traduziu a obra *Meditações Cartesianas* e escreveu a apresentação da mesma utilizada para este escrito, tal apresentação foi referenciada separadamente para fins de compreensão.

haja a exclusão daquilo que foge da representação. Para tanto, se usará especialmente, dentre outras, a obra *Descobrendo a existência com Husserl e Heidegger*, demonstrando a necessidade de uma fenomenologia que seja não-intencional, uma vez que a relação de transcendência não retorna ao Eu.

O itinerário utilizado neste artigo para a análise de uma relação não-intencional inicia na fruição da vida, o 'viver de...', que marca a existência humana antes da reflexão, um gozar a vida anterior à intenção. Partindo dessa realidade, da existência de relações anteriores à intencionalidade, Levinas também investiga a relação que se tem na contemplação do rosto do outro, no chamado à responsabilidade e manifestação de Outrem. Assim a relação com o outro inicia na resposta dada pelo Eu diante da relação frente a frente.

1 Contra o solipsismo, a subjetividade e a intersubjetividade em Husserl

Para iniciar a investigação da relação com o outro na filosofia de Husserl, utilizando-se do método fenomenológico⁴ do autor, partir-se-á da defesa de sua teoria contra a crítica de solipsismo. De fato, um Eu transcendental que busca vislumbrar a realidade através de uma intencionalidade, ou, seria mais correto

⁴ O método fenomenológico consiste na realização da *epoché*, suspensão temporária dos juízos, para analisar o fenômeno buscando as suas características essenciais a partir da intuição. Nas palavras de Alves e Macedo: "A fenomenologia, como adverte Husserl, é uma ciência dos fenômenos. O fenômeno é o autêntico, o real. A fenomenologia é um método intelectual. Isto significa que o fenomenólogo não se ocupa em recolher dados, elaborar estatísticas, realizar trabalho de campo, perguntar pela atuação ou pelo pensamento do investigador. O objeto de nosso método consiste em elucidar o *eidos*, isto é, o fenômeno puro, não condicionado por nenhum *factum* espaço-temporal ou histórico. O *eidos* não é um objeto do mundo ou da natureza. É a condição de possibilidade de todo fato empírico, é a essência pura" (ALVES&MACEDO, 2013, p. 41). Como prossegue os autores, "o objeto da fenomenologia, enquanto filosofia da subjetividade, não é outro que o *eidos* da humanidade" (2013, p. 41).

afirmar, um ato noético-noemática, traz a crítica de solipsismo como deveras tentador e obriga à indagação: a relação que se tem com outra pessoa não acaba por se tornar uma relação consigo mesmo? Pois, “Não é autoevidente que tudo é designado e esgotado de uma só vez pelo meu próprio *Ego* transcendental?” (HUSSERL, 2019, p. 112, grifo nosso).

Sendo na obra *Meditações cartesianas* que “Husserl mostra como a fenomenologia se aproxima do cartesianismo, pela procura de uma ciência absolutamente segura, na base de todo o saber” (LEVINAS, 1997, p.58), e tendo em vista a existência da crítica nessa aproximação, Husserl se defende na sua quinta meditação, intitulada como o *desnudamento da esfera de ser transcendental como intersubjetividade monadológica*.

Nessa meditação, se referindo à crítica, Husserl já adverte: “talvez nem tudo vai bem com tais pensamentos” (HUSSERL, 2019, p.112). O itinerário para a defesa é uma investigação feita a partir da redução transcendental da experiência do estranho, na tradução de Nolasco, ou, como traduz Levinas na versão francesa, *expérience de l'autre*⁵. Nessa redução, Husserl inicia a análise com os “modos noemático-ôntico da ocorrência do outro” (HUSSERL, 2019, p.112), isso significa buscar o modo que se dá o processo mental do sujeito quando se dirige à um estranho, ao outro.

Em um primeiro momento, o experienciar intencionalmente outro ser humano é semelhante à experenciação de quaisquer outros objetos, uma vez que de um lado são também objetos naturais (HUSSERL, 2019, p. 112). “Eles são

⁵ Nolasco adverte, na nota de rodapé número setenta e sete do livro *Meditações Cartesianas* (2019), que a utilização do termo estranho, utilizado por ele, foi traduzido em francês ou como ‘*L’ autre*’, por Levinas e Peiffer, ou como ‘*étrangère*’ por Launay; em outra tradução, realizada por Maria Gorete Lopes e Sousa, é utilizado o termo ‘experiência de outrem’.

experenciados também como vigentes, psiquicamente, nos *corpos* naturais (*Naturleibern*) que em cada caso lhes pertença” (HUSSERL, 2019, p. 112-113, grifo do autor). Mas também, além dos acidentes acima citados, são também *Egos* transcendentais, possuidores de uma racionalidade que os fazem ser diferentes dos demais objetos, pois “eu os experiencio ao mesmo tempo como sujeitos para este mundo” (HUSSERL, 2019, p. 113). São seres que possuem uma intencionalidade e que também se voltam ao Eu transcendental assim como aos outros objetos do mundo.

Na análise supracitada existe uma abrangência muito grande, intui-se outros Eus transcendentais em um mundo comum que possibilite tais intuições, logo um “mundo em conjunto com os outros, (...) um mundo alheio a mim, intersubjetivo, que está aí para qualquer um, acessível em seus objetos a qualquer um” (HUSSERL, 2019, p. 113). Mas, se não existisse outro *Ego* que não o meu próprio? O mundo ainda seria um mundo-para-qualquer-um? No §44 Husserl faz essas investigações para desvendar o que é esse mundo compartilhado e se é passível de se ter um conhecimento verdadeiro sobre esse lugar que está aí para todos.

Na busca de um abranger o significado desse mundo que está aí-para-qualquer-um, Husserl investiga, ao passo que somente estando só, seja só enquanto ser humano no mundo ou só enquanto a eliminação de influências culturais, a possibilidade de experienciar o alheio que no mundo se encontra⁶ (HUSSERL, 2019). A conclusão tirada desta redução transcendental é o vislumbre

⁶ Chama-se a atenção para o início dessa investigação, uma vez que é de suma importância para o entendimento do escrito. Para se entender bem esse mundo comum a todos é necessário que haja a experiência de tudo, ou seja, é necessário experienciar, em um sentido de compreender, aquilo que parece ser alheio à nossa compreensão, é nesse intuito que Husserl inicia a redução transcendental cogitando a possibilidade de se estar só.

do mundo enquanto camada “que se mantém coerentemente de maneira unitária” (HUSSERL, 2019, p. 116), pois é necessário que exista essa ordem para que o Eu possa intuir:

Dessa forma, mediante essa apropriada e abstrativa eliminação semântica (*sinnesausscheidung*) do alheio, retivemos um tipo de “mundo”, uma natureza idiossincraticamente reduzida à qual subordinamos, mediante o corpo material, o Eu psicofísico com corpo, alma e Eu pessoal – gritantes peculiaridades desse “mundo” reduzido (HUSSERL, 2019, p. 118, grifo do autor).

O mundo reduzido fenomenologicamente é o mundo vivido, o mundo da vida, não compreendendo a vida enquanto vida orgânica, mas uma vida intuitiva. Dada a compreensão do mundo da vida, é momento oportuno de investigar a relação do Eu transcendental com os outros estranhos que estão nesse mundo. “Para que o *ego* transcendental possa ser tomado como guia transcendental da fenomenologia ele precisa ser tomado na sua realidade concreta – como substrato de seus hábitos – que Husserl chamou de *mônada*” (MACEDO & ALVES, 2012, p. 139); as *mônadas*, na filosofia de Leibniz, são substâncias simples e fechadas que constituem a realidade enquanto tal:

As *Mônadas* não possuem janelas através das quais algo possa entrar ou sair. Os acidentes não podem destacar-se, nem passear fora das substâncias, como faziam outrora as espécies sensíveis dos Escolásticos. Assim, nem substância, nem acidente podem entrar em uma *Mônada* a partir do exterior (LEIBNIZ, 2007, p. 1).

Em Leibniz as *mônadas* são como que divindades que são organizadas por Deus, o *Mônada Rei*, desse modo, como em uma *mônada* não há a interferência externa dada por outras criaturas, a relação que uma *mônada* tem uma para com

a outra só tem sentido enquanto é realizada por Deus (cf. LEIBNIZ, 2007). O Eu transcendental dito por Husserl é entendido de forma monadológica enquanto:

Confluência do eu puro com as suas pertenças constituídas, seus *habitus*, personalidade; é a nova e transformada subjetividade, permeada agora pela transcendentalidade, lucidez e atividade da consciência (PELIZZOLI, 1994, p. 28).

O Eu transcendental, enquanto ideia de mônada, se qualifica como a substância simples do próprio eu: “a mônada será a unidade entre o *Ego* da redução (residual, puro) e o Eu pólo idêntico dos *habitus*” (PELIZZOLI, 1994, p. 27, grifo nosso).

A relação que se tem entre eu e o outro se dá no mundo da vida, enquanto mundo em conjunto com os outros Eus transcendentais que, mesmo possuindo um mecanismo idêntico, enquanto estrutura psíquica, se apresentam “[...] com seus modos próprios e fenômenos particulares. Caso fosse possível uma experiência absolutamente imediata do outro, o outro seria absolutamente eu mesmo o que configuraria o solipsismo” (MACEDO&ALVES, 2012, p.158). Na intuição do outro, partindo do método fenomenológico, é destruído o solipsismo que surge na simples experiência de um Eu solitário em meio ao mundo, para uma intersubjetividade, que consiste em vários outros Eus transcendentais que constituem e significam o mundo da vida.

[...] O caminho necessário a um conhecimento irretorquivelmente universal (*letztbegründeten*) no sentido o mais elevado, ou, o que é o mesmo, o caminho necessário a um conhecimento filosófico, é o caminho de um autoconhecimento universal, a princípio monádico, em seguida, intermonádico (HUSSERL, 2019, p. 167).

Por fim, a intersubjetividade monadológica, a relação do Eu transcendental com demais Eus transcendentais em meio ao mundo da vida, se torna fundamental para adquirir conhecimentos e concernir significados, validando as experiências mutualmente. Sem esse estranho, essa outra mônada, não há como haver o conhecimento filosófico, entendendo filosofia, como fez Husserl, enquanto uma ciência rigorosa (HUSSERL, 2019). A importância da relação com o outro para a filosofia de Husserl se dá na constituição da ciência rigorosa, uma intersubjetividade em que necessariamente o outro auxilia no descobrimento do mundo da vida.

2 A relação com o outro na fenomenologia não-intencional de Levinas

Em um primeiro momento se ressalta que a intenção de Levinas em suas primeiras obras é trazer à tona os elementos fenomenológicos que foram deixados de lado pelos seus mestres, Husserl e Heidegger, para tanto, ele busca ampliar o modo de fazer as suas investigações fenomenológicas (MASLOWSKI, 2021). Partindo do método fenomenológico de Husserl, a qual muito deve, Levinas observa que a própria intencionalidade não atravessa os limites do saber, que é restrito ao que Levinas chama de Mesmo⁷, segundo o lituano, a intencionalidade é:

⁷ “El Mismo es autónomo, autosuficiente. Posee interioridade, psiquismo” (SOLÉ, 2015, p. 86). De acordo com Solé, o Mesmo é o sentir-se em casa, tanto em si mesmo quanto no mundo, mas em uma relação que é ainda anterior à intencionalidade e a representação; é semelhante à inocência e ao gozo de tomar uma boa sopa, de colocar os pés no riacho, um fruir que afirma o metafísico, como uma morada, lugar de gozo, familiaridade, intimidade e economia, não como a cabana de Heidegger, que é escondida nos bosques, mas que, estando separado do outro, “[...] le recibo como a un huésped” (SOLÉ, 2015, p. 91). Vale ressaltar que o intendo de Levinas é a busca de uma relação que não se encadeie o Outro no Mesmo.

A célebre proposição que “toda a consciência é consciência de alguma coisa” ou, ainda, que a intencionalidade caracteriza essencialmente a consciência – resume a teoria husserliana da vida espiritual: toda a percepção é percepção de um apreendido, todo o juízo é juízo de um estado de coisas julgado, todo o desejo é desejo de um desejado. Não é uma correlação de palavras, mas uma *descrição* de fenômenos. Em todos os níveis da vida espiritual – seja o estado da sensação ou do pensamento matemático –, o pensamento é *desígnio* e intenção (LEVINAS, 1997, p. 28-29, grifo do autor).

Levinas busca uma forma diferente de se relacionar com o mundo e com o outro, uma relação que respeite o limite do pensamento e daquilo que ultrapassa a capacidade humana de entender, logo, uma relação que não haja uma intenção prévia. Afirmando que antes de se haver uma relação intencional com o outro já havia ocorrido uma outra relação anterior, a investigação de Levinas o leva para uma relação que é iniciada pelo outro, mais especificamente, no vislumbre do rosto do próximo (LEVINAS, 2022). O início de todo o discurso inicia na relação frente a frente, no apelo que o rosto faz em sua nudez, em sua fraqueza, humanidade, nudez que é a sua força, a sua apologia e chamado⁸ (LEVINAS, 2022). Diferente de Husserl, em que a relação com o outro se dá na intersubjetividade monadológica, em Levinas há uma interhumanidade, uma relação que inicia na responsabilidade que cada humano tem um para com o outro.

É importante frisar que “não é que nosso propósito seja anti-intelectualista” (LEVINAS, 2022, p. 99), mas leva em consideração algo que existe anterior ao intelectualismo, uma exterioridade que se mostra e que impele o ser preso em si

⁸ Referente a esse tensionamento, Hutchens escreve: “O eu fica dividido em uma luta insolúvel e irresistível entre a ordem do ‘Mesmo’ que se esforça para totalizar tudo sob a iluminação da razão; e a ordem do Outro, na qual partes vitais da existência humana permanecem necessariamente às escuras” (2009, p. 32, grifo do autor).

mesmo para fora de si. Semelhante ao discurso do rosto está a existência da fruição, existência do prazer de estar na vida:

A relação da vida com a sua própria dependência em relação às coisas é fruição, a qual, como felicidade, é independência. Os actos da vida não são direitos e como que esticados para a sua finalidade. Vivemos na consciência da consciência, mas esta consciência da consciência não é reflexão. Não é saber, mas prazer e [...] o próprio egoísmo da vida (LEVINAS, 2022, p. 102).

O que Levinas quer expor com a análise da fruição é essencialmente uma busca pelo local aonde se encontram os sentidos mais íntimos do humano, uma relação anterior a racionalização, busca pela humanidade:

O humano ou a interioridade humana é o retorno à interioridade da consciência não-intencional, à má consciência, à sua possibilidade de temer a injustiça mais que a morte, de preferir a injustiça sofrida à injustiça cometida, de preferir o que justifica o ser àquilo que o garante. Ser ou não ser, provavelmente não é aí que está a questão por excelência (LEVINAS, 1997, p.177).

Chama-se a atenção para a tragédia de Hamlet citada no trecho acima: viver com o sofrimento dado ou morrer e encarar a incerteza da morte, que por vezes chega a ser mais apavorante que os próprios sofrimentos? Qual escolher? O que Levinas afirma é que a “questão por excelência”, referindo-se à vida, ou seja, a felicidade, não está encerrada na categoria do ser, mas antes está para além do ser:

A fruição, como movimento acima do ser, é a distância do eu em relação ao ser. Para Levinas, esta distância está na felicidade, por isso, para ele, viver significa suprir as necessidades. As necessidades estão para além das categorias do ser. A razão de estarem para além das categorias do ser é por se darem por elementos mundanos sendo supridas na fruição,

assim, a necessidade circunscreve um distanciamento entre o eu e o mundo (MASLOWSKI, 2021, p. 66).

O que Levinas pretende com a fruição é uma relação do ser humano com o mundo que se inicia fora da racionalização, da reflexão, uma relação que goza a vida como ela se manifesta, é de fato um viver de *bonne soupe*, em que a sensação, o prazer de viver de..., antecede a representação, a intencionalidade: “o mundo é dado: é sensível. Fruímos do mundo antes mesmo de refletir sobre nossos atos (respiramos, caminhamos, conversamos...)” (FABRI & GRIBOWSKI, 2022, p. 54). Tal abordagem da relação com o mundo muda a perspectiva da intersubjetividade husserliana, em que se parte da consciência intencional para se realizar a redução transcendental do Eu, descobrindo o mundo da vida e visando a existência de outras mônadas, outros Eus transcendentais, que auxiliam na descoberta do mundo:

Diferentemente da “transcendência” da consciência que se resolve na imanência, Levinas quer fundar o eu sobre uma autêntica exterioridade; mas isto é possível apenas em situações que precedem o trabalho da reflexão. A relação primeira do homem com o mundo é um gozar a vida (PELIZZOLI, 1994, p. 72).

Uma vez que não há a intencionalidade na relação primeira com o mundo, o método fenomenológico de Levinas consiste “no fato de que, ao remontar a partir do que é pensado para a plenitude do próprio pensamento, se descobre, sem haver aí implicações alguma de ordem dedutiva, dialética ou outra, dimensões de sentido cada vez novas” (LEVINAS, 2002, p.125). Nisso consiste a

fenomenologia em Levinas, a busca do Outro⁹ enquanto Outro, que respeita mas foge do intelectualismo, ser que está aberto para um eterno renascer, para a fecundidade (LEVINAS, 2022).

A fenomenologia praticada por Levinas sai da ontologia, sai do ser e se relaciona com o Outro. Neste sentido, todo o conhecimento, segundo Levinas, é sempre uma solidão, o conhecimento prende o conhecido no Mesmo, nunca alcança o Outro (LEVINAS, 1982, p. 52-53). Levinas acrescenta: “A socialidade será uma maneira de sair do ser, sem ser pelo conhecimento” (LEVINAS, 1982, p.53). A socialidade é uma maneira de sair do ser porque nela a relação primeira é a ética, ao passo que o indivíduo se encontra frente à epifania do rosto, a manifestação do infinito no finito, um desejo abraânico¹⁰ de ir ao encontro desse Outro que se manifesta, nesse encontro surge um desejo insaciável que faz com que o sujeito busque esse Outro que o in-comoda, um desejo metafísico.

Vale ressaltar que Levinas não condena a atividade teórica, somente o esquecimento da alteridade, o transformar do Outro em Mesmo, ou, se preferir, a violência após o encontro com o rosto. O desejo metafísico é o que move a atividade do saber, é o fundamento primeiro para toda a atividade racional. “Esta afecção profunda chamada Desejo, este sentimento primordial, não surge senão

⁹ “El Otro es el extranjero, proveniente siempre de otra patria, es lo absolutamente Otro. No hay ‘nosotros’ ni concepto que pueda equipararlo al Mismo. Está siempre a una distancia infinita (insalvable) respecto al Mismo, por mucho que la idea de lo infinito cree la proximidad entre ambos” (SOLÉ, 2015, p. 93).

¹⁰ Nas investigações escritas na obra *Descobrimos a existência com Husserl e Heidegger* (1997), Levinas afirma, no ensaio intitulado como *Vestígios do Outro*, que a figura de Ulisses, personagem principal das obras *Ilíada* e *Odisséia* de Homero, que após a sua aventura para destruir Tróia retorna para a sua terra natal, é a própria fórmula da filosofia ocidental e da intencionalidade, ou seja, a volta ao Mesmo; de forma oposta à Ulisses existe Abraão: “ao mito de Ulisses que regressa a Ítaca, gostaríamos de opor a história de Abraão que abandona para sempre a sua pátria por uma terra ainda desconhecida e que proíbe ao seu servidor reconduzir até o seu filho a esse ponto de partida” (LEVINAS, 1997, p. 232).

despertado pelo Outro enquanto tal, completamente exterior, o qual quebra a lógica do pensamento totalizante, anunciando uma autêntica relação social” (ALVES, 2008, p. 75).

O desejo metafísico enquanto relação do Mesmo ao Outro não é pautado na violência, não nega o Mesmo e nem exige uma reciprocidade em que o Outro me deseje, é um desejar dar-se-a-si-mesmo, é uma entrega que movimenta e dinamiza o ser, incluindo a sua racionalidade:

O Desejo não pode ser saciado, nem possui uma resposta concreta, completa ou adequada, pois se situa para além da intencionalidade meramente teórica e do fenômeno visto e representado, ultrapassando toda integração no sistema. Trata-se de uma situação ética pela qual o eu se abre à transcendência, recebendo o Outro em sua exterioridade original (ALVES, 2008, p. 75-76).

Em vias de término, a relação com o outro na filosofia de Levinas se baseia na alteridade, ou seja, sai do campo da intencionalidade para se abrir ao não-intencional, ao sair sem voltar para a casa, trata-se de uma relação desinteressada em que se deixe fecundar pelo rosto do outro, pela sua nudez e fragilidade. Nessa relação em que o desejo do Outro, que se mostra na epifania do rosto, mas não se deixa conhecer, impele aquele que está a frente para a ética, para a responsabilidade, o tira do egoísmo.

Considerações finais

O tema das relações humanas é fundamental para a filosofia, nestas duas abordagens da relação se encontra dois modos de filosofar que se diferem no direcionamento, enquanto a primeira se atentou para a relação enquanto

necessária e própria possibilidade de conhecimento, a outra, indo mais além, investigou a relação enquanto baseada na alteridade, em uma exterioridade que é anterior à representação.

No campo da intencionalidade, partindo da defesa contra a crítica de solipsismo, Husserl faz sua investigação da relação com o outro partindo do mundo da vida, mundo que possibilita o próprio intencionar algo, mas que também suporta outros seres que intencionam. Utilizando-se do método fenomenológico, criado pelo autor, além do Eu transcendental, dessa mônada em meio ao mundo da vida, há outros Eus transcendentais que formam uma intersubjetividade monadológica, que também se relacionam com o mundo e auxiliam na descoberta do mesmo.

O outro autor analisado neste artigo caminha por uma estrada distinta de seu mestre, pois, no que tange à relação com o outro, percorre um itinerário não-intencional, ou seja, uma forma de relação que respeite a alteridade desse outro. É realmente interessante esta segunda análise, a relação é iniciada pelo outro, na epifania do rosto, nas fragilidades e na nudez que esse contém, mas ao mesmo tempo que é fragilidade, é força, é um chamado à responsabilidade, uma evocação. Nessa segunda análise, após o discurso iniciado pelo outro, surge a resposta do eu, quando há abertura, quando a resposta do Mesmo é de acolhimento dessa responsabilidade, quando a resposta é um doar-se desinteressadamente a este outro, movido por um desejo sempre crescente de transcendência, tal relação se torna fecunda.

Finaliza-se este trabalho frisando a importância da quebra do solipsismo, egoísmo que subjuga o outro como próprio eu, tanto para a prática de uma ciência rigorosa quanto para o próprio itinerário da vida, por mais que esse outro possa

questionar ou mesmo descentralizar o sujeito de si. O auxílio que Husserl e Levinas deram à filosofia é imprescindível para tal quebra, a intersubjetividade monadológica de Husserl favorece a ciência enquanto necessária do auxílio do outro e, em Levinas, a proposta de uma relação inter-humana, que visa a saída de si para uma responsabilidade desinteressada por outrem.

Referências

ALVES, Marcos Alexandre. Ética e conhecimento: desejo metafísico como móbil da atividade teórica em Levinas. **Filosofazer**. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, v.17, n.33. p. 65-77, jul./dez., 2008. Disponível em: <https://ifibe.edu.br/filosofazer/index.php/filosofazerimpressa/article/view/162>. Acesso em: 18 mar. 2022.

FABRI, Marcelo; GRZIBOWSKI, Silvestre. **Introdução à fenomenologia do Invisível**: (o amor, o desejo, a vida). Curitiba: Editora CRV, 2022.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas**. Tradução Fábio Mascarenhas Nolasco. São Paulo: Edipro, 2019.

HUTCHENS, B.C. **Compreender Lévinas**. Tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEIBNIZ, G.W. **Princípios da filosofia ou a Monadologia**. Tradução: Fernando Barreto Gallas, 2007. Disponível em: <https://leibnizbrasil.pro.br/>. Acesso em: 26 Out. 2022.

LEVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem à ideia**. Petrópolis: editora vozes, 2002.

LEVINAS, Emmanuel. **Descobrimos a existência com Husserl e Heidegger**. Tradução Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: Ensaio sobre a alteridade. Tradução Pergentino Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Tradução João Gama. Lisboa: Edições 70, 1982.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.

MACEDO, Wellington C.; ALVES, Marcos Alexandre. **Husserl e a fenomenologia**: uma introdução às ciências da subjetividade. Santa Maria: Biblos, 2012.

MASLOWSKI, Adriano André. **Rosto e intencionalidade**: superação ou renovação da fenomenologia?. Santo Ângelo: editora Metrics, 2021.

MELO, Nelio Vieira de. **A Ética da alteridade em Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

NOLASCO, Fábio Mascarenhas. Apresentação. In. HUSSERL, E. *Meditações Cartesianas*. São Paulo: Edipro, 2019.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **A relação ao Outro em Husserl e Levinas**. Porto Alegre: edipucrs, 1994.

SOLÉ, Joan. **Levinas**: La ética del Otro. Barcelona: Bonallettera Alcompas, S.L, 2015.